



REPRESENTAÇÃO Nº 172445 – DF

RELATÓRIO

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator): Senhor Presidente,

PARECER

O DOUTOR RODRIGO JANOT MONTEIRO DE BARROS (procurador-geral eleitoral):

VOTO

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

VOTO

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO DIAS TOFFOLI (presidente):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:



O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO ADMAR GONZAGA (relator):

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

VOTO

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: Senhor Presidente, também acompanho o relator.

Enquanto Sua Excelência o Ministro João Otávio de Noronha votava, eu fazia o levantamento a propósito do evento que se deu em Belo Horizonte.

O SENHOR MINISTRO DIAS TOFFOLI (presidente):

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: Penso que foi em Belo Horizonte.

O SENHOR MINISTRO JOÃO OTÁVIO DE NORONHA:

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: A propósito do evento que se deu em Belo Horizonte, na verdade na Grande Belo Horizonte, num contexto, portanto, de comício, penso que tem razão o procurador-geral eleitoral, e o próprio Código Penal tem regras específicas para situações de conflitos, de tensão, de emoção, como, por exemplo, as palavras ditas da tribuna pelos advogados, em suma, esse contexto deve ser levado em conta e não podemos compreender na sua literalidade.



O Ministro João Otávio de Noronha chama a atenção exatamente para o fato de que uma coisa é o discurso feito num comício, a tentativa de se comunicar com o público, que é muito variado; outra coisa é o excerto, o recorte que se faz da gravação para levar ao horário eleitoral.

Podemos trabalhar com a ideia de elementos de irracionalidade, de intuição, no contexto de um comício, de um evento público, de certa excitação que se dá, mas evidentemente o mesmo não se pode falar das situações que se colocam com base nesse recorte, nesse decotamento da matéria que se quer levar.

Veja a fala que foi destacada, tanto o destaque ao candidato dos banqueiros, quanto ao fato, que é bastante elucidativo:

Onde estava o Aécio quando a Dilma estava presa lutando pela democracia? O comportamento dele não é um comportamento de um candidato, de alguém que tem responsabilidade, é comportamento de um filhinho de papai.

Quer dizer, a própria representação mostra que o candidato foi incentivado a ter uma atuação em prol da luta armada, que não é uma opção óbvia para todos – e é bom que se diga também que os grupos que se organizaram pela luta armada no Brasil – já tive oportunidade de dizer isso – não eram lutadores pela democracia, eles defendiam ou o modelo cubano, ou o modelo soviético, ou o modelo chinês, não tinha ninguém do tipo de uma guerra civil espanhola. Nós que lutamos pela democracia no Brasil – é bom que se diga, porque há essa lenda urbana que a toda hora se repete –, eu vivi isso em Brasília, fomos para o Congresso, fomos para a rua de forma pacífica.

Os grandes construtores da transição foram Ulysses Guimarães, Paulo Brossard, Marcos Freire, dentre outros construtores da democracia; não foram as pessoas que pegaram em armas. Se eles tivessem vencido, estaríamos sob ditadura, porque eles vestiam as fardas de Cuba, da China e de Moscou.



O SENHOR MINISTRO DIAS TOFFOLI (presidente):

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: Exatamente, esse é um ponto importante, já tive a oportunidade de ressaltar, porque olvidamos os lutadores do parlamento, alguns até de partidos de esquerda conhecidos.

Eu me lembro de que, na minha época de estudante, houve em Brasília um nome de muita importância, que depois desapareceu – o Ministro Luiz Fux vai se lembrar, porque é um clássico do Rio de Janeiro –, o de Lizanias Maciel, que depois foi cassado, mas que travava a luta no ambiente parlamentar.

Portanto, é preciso também, é claro, respeitar a coragem das pessoas que se embrenharam nesse campo, extremamente difícil, claro que estimuladas pelo fermento da juventude e pela dose de idealismo, mas é bom que se diga que essas pessoas filiadas a esse tipo de partido com conexões na China, na União Soviética e em Cuba, obviamente, não tinham compromisso com a democracia, pelo menos com a que conhecemos.

Aqui há também essa impropriedade, mas a impropriedade maior resulta nessa convocação de alguém que mal saíra do jardim de infância para a luta política, o que mostra o grau de entusiasmo que marca os comícios. Nem a boa vontade do procurador-geral com a atuação do ex-presidente da República vai salvá-lo, porque é totalmente contrafactual, contra a própria realidade, dizer “onde estavam as crianças de dez anos que não vieram salvar essa jovem, que não se solidarizaram com essa jovem?”

É preciso bastante entusiasmo e diria, assim, quase que um grau de irresponsabilidade retórica fazer esse tipo de afirmação. E, se imaginarmos que essa afirmação é feita por um ex-presidente da República, ela assume, então, maior gravidade. Embora até possamos dizer que os ex-presidentes da República são inimputáveis, mas não deve ser esse o juízo a ser feito dos ex-presidentes da



República. Imagina-se que eles sejam pessoas que, em função do cargo e da experiência, precisam dar exemplo.

Se dissermos isso a crianças de uma escola de 1º grau, muito provavelmente irão achar que estamos beirando o quadro da insanidade, da caducidade, do ridículo. E isso, selecionado pelo marqueteiro, vai para a televisão, cumpre, portanto, uma função, que não é a de entusiasmar a plebe ignara do comício, mas de tentar galvanizar apoio.

Então, a mim me parece que esta é uma peça de escola, em termos de abuso por conta do conteúdo e porque foi cometida pelo ex-presidente da República, pelo maior líder do partido do governo, por alguém que tem que dar exemplo, ainda que não se sinta obrigado a fazê-lo.

Eu lia, enquanto o Ministro Admar Gonzaga trazia a sua manifestação, que esta foi apenas uma das manifestações desse comício. Diz a matéria publicada na imprensa sobre o assunto:

Antes mesmo da chegada do ex-presidente, o clima já era de beligerância no ato no bairro de Santa Tereza, região leste de Belo Horizonte. Enquanto a militância esperava, o locutor do evento vez ou outra subia ao palanque para ler manifestos com ataques a Aécio.

Um deles, escrito por uma militante apresentada como psicóloga especialista em direitos humanos, despejou adjetivos ofensivos, até concluir que Aécio é um “ser repugnante e desprezível”.

Cafajeste, playboy mimado, megalomaníaco, usuário de drogas, agressor de mulheres e vários outros ataques dominaram o comício.

Portanto, o ex-presidente estava nesse contexto, nesse ambiente que o procurador-geral procurou explicar. E, então, vemos, por tudo que se analisou, que é caso de escola, de abuso.

Alguém já tinha observado, Senhor Presidente – estou muito curioso com essas questões eleitorais –, que muito do que se faz hoje no debate eleitoral é



para ser usado no horário eleitoral, os comícios também. As falas certamente estão sendo programadas para depois ir para o processo, o sistema.

O SENHOR MINISTRO DIAS TOFFOLI (presidente):

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: Senhor Presidente, então, acompanho o voto do relator, com os acréscimos que fiz.

VOTO

O SENHOR MINISTRO LUIZ FUX:

VOTO

A SENHORA MINISTRA MARIA THERESA DE ASSIS MOURA:

VOTO

A SENHORA MINISTRA LUCIANA LÓSSIO:

VOTO

O SENHOR MINISTRO DIAS TOFFOLI (presidente):